

**09.06.22**

**→ 21h30**

T

A

G

V

**CICLO SENTIMENTOS PÚBLICOS  
LABORATÓRIO LIPA  
DANÇA**

# **The Anger! The Fury!**

**De Sónia Baptista**



Nas Epístolas de Horácio é exposta pela primeira vez esta máxima: *Ira furor brevis est*. A ira é uma loucura temporária,. Quanto tempo se mantém esse estado de urgência emocional? Essa paixão veemente? Durante três minutos? Em ciclos de meia hora ? Ou será que conseguimos, num minuto passar da placidez à raiva, à ira, à fúria? Como é que construímos dramática e emocionalmente uma sucessão desses momentos? Que forma têm, que forma ganham, essas paixões? São monstruosas? Somos, monstruosas?

Partimos da pesquisa e reflexão sobre textos clássicos, textos filosóficos contemporâneos, expressões de cultura popular, ensaios sobre sociedade e género, sobre ecofeminismo, sobre o desejo de uma vivência punk que desafia o status quo. Uma vivência *hopepunk*, com essa mistura radical de otimismo alimentado pela raiva de querer mudar o status quo. “A Gentileza é Punk. A Compaixão é Radical. O Apreço é Subversivo.”

## **Transmutar o ferro em hélio, disse ela Ana Pais**

1.

Actuar é dar a mão. Primeiro unhas, falanges, falanginhas, sangrar até à diluição para ocupar espaço como o peso de um canhão.

Para Sónia actuar não é apenas estar em cena perante um público, mas também uma série de outras coisas que acontecem no corpo, coisas bastante viscerais, como dar a mão. A mão que ela estende ao espectador, devagarinho, é o início de um sangramento, uma ferida que se abre e extingue o corpo. Só assim, entende ela, é possível uma diluição do seu corpo com o corpo colectivo do público, criando uma matéria sensível que ocupa espaço “como o peso de um canhão”.

Actuar é dar a mão. Primeiro unhas, falanges, falanginhas, sangrar até à fruição para ocupar espaço como o peso de um canhão.

Mas o sangramento também pode conduzir à fruição. Diluir para fruir ou fruir para diluir?, pergunta-se ela, numa das várias conversas que tivemos, no contexto de um processo de investigação que desenvolvi em 2018 sobre os sentidos afectivos que as palavras têm para nós e como estes nos permitem falar do âmago da nossa experiência. O pressuposto é que estes sentidos são singulares e únicos já que resultam da acumulação de sedimentos afectivos da nossa experiência do mundo sobre o seu significado habitual, isto é, a sua definição do dicionário. Unhas, falanges e falanginhas não são certamente os termos que esperaríamos encontrar no dicionário para falar de actuação em cena.

Talvez fruir para destruir, repensa ela.

Actuar é dar a mão. Primeiro unhas, falanges, falanginhas, sangrar até à destruição para ocupar espaço como o peso de um canhão.

Destruir o ego para se diluir na própria acção, perder contornos entre ela e o público. “Parece-me mais sagrado, mais elevado”, disse ela. Ocupar espaço depende de três acções que não se parecem distinguir muito, ou pelo menos de forma muito clara umas das outras. Actuar é uma forma de fruir, destruir e (se) diluir. Nesta imagética de actuar, que releva da sua experiência singular, a destruição é motor e consequência de estar em cena, fruindo e diluindo uma presença sem ego ou, pelo menos, em que os contornos que definem o seu ego no tempo e espaço quotidianos sejam suspensos durante o espectáculo. Destruir expõe a vulnerabilidade enquanto força.

2.

Na mitologia grega, as Fúrias, ou Erínias, são forças femininas da vingança e da justiça que perseguem aqueles que desafiam os deuses e comprometem o equilíbrio do mundo. Incansáveis, elas repõem a ordem cosmogónica. De algum modo, também o espectáculo *The Anger! The Fury!* procura repor a ordem das emoções em palco, já que, pela sua violência, a raiva e a fúria são pouco consideradas do ponto de vista gregário: não as expomos porque isso afasta os outros ou calamos e afastamo-nos dos outros. O espectáculo lembra a necessidade de dizer de sua justiça, de deixar a raiva expressar as feridas.

Todos os performers o fazem, colectiva e individualmente, incluindo a própria Sónia Baptista que “ocupa o espaço” nos últimos dez minutos do espectáculo. No início, esse espaço é horizontal e rastejante. Como um verme, ela atravessa o palco com o seu corpo ondulando pelo chão até à jaula, onde permanecerá durante todo o espectáculo, encapuçada e silenciosa, como a raiva. A sua fala final é um grito e um estertor. Tenta falar, mas não consegue. Comunica com a intérprete de língua gestual e pede-lhe ajuda. A intérprete diz as palavras de Sónia usando a língua que nem todos falam. Esse lugar de fala transferido e re-codificado, colocando o espectador comum na posição de exclusão em que a comunidade surda vive face à norma social, é já uma tradução da ferida, da diferença, mas também da repressão ou da discriminação. Permitindo que a raiva e a fúria ocupem a boca de cena, o corpo solta-se, como a passagem de verme a borboleta.

3.

Actuar implica também, para ela, gerir forças antagónicas que atravessam o corpo em processo criativo, em cena, em relação com um outro perante o qual se expõe. Peso e a leveza, o medo e o prazer, a tristeza e a alegria: peso e contra-peso que sustentam o fazer e que nunca se encontram em equilíbrio, acrescenta. Emoções contraditórias intensificam a criação, sem grande explicação lógica, mas com grande pertinência afectiva: o medo de falhar apontado à sua cabeça como uma bala de canhão.

É como se fosse uma ameaça que me leva a agir, a querer estudar, saber, fazer melhor para depois perceber que a bala de canhão ao cair na minha cabeça é um balão que depois sobe. É como se houvesse uma transmutação do ferro em hélio durante o processo de trabalho, sem que eu dê por ela; sei que a transmutação vai acontecendo. A ameaça, o medo, está lá sempre em baixo quando actuamos.

Vencer o medo começa por transformá-lo, mesmo que a transformação seja imperceptível, ou melhor, não observável enquanto um fenómeno com determinadas características que acontece em fases ou momentos específicos. Verbalizar imagens, como cristalizações de afectos de uma determinada situação ou vivência que transportam significados particulares, é ainda a melhor tradução para processos sensíveis e misteriosos. Na sua imagética sensorial e afectiva, a bala de canhão transforma-se num balão que sobe: o peso do ferro transforma-se na leveza do balão, embora nunca desapareça. Quando se partilha a criação, diz ela, é aí que se percebe plenamente que a transmutação ocorreu. Na radical vulnerabilidade de estar perante um público, quando se ocupa o espaço de forma a diluir a distância, surge a leveza, disse ela.

Em certa medida, o espectáculo *The Anger! The Fury!* inverte a direcção do canhão, apontando-o para o público na esperança de que a distância se dilua também em contra-mão ou que o ferro se transmute em hélio.

Bip bip

eu sou o coio, a bala não me cai em cima porque me transformei antes.

**Direção, escrita, interpretação** Sónia Baptista **Co-criação** Joana Levi, Teresa Silva, Ana Valentim, Tita Maravilha, Paulo Pascoal, João Nunes Monteiro **Interpretação** Sónia Baptista, Joana Levi, Paulo Pascal, Gaya de Medeiros, Francisca Pinto, Bruno Nogueira **Espaço cénico** Raquel Melgue, Mariana Gomes **Figurinos** João Caldas, Sónia Baptista **Desenho de luz** Daniel Worm **Vídeo** Rita Barbosa, Jorge Jácome, Ana Libório, Margarida Teixeira **Desenho de som** Rodrigo Gomes **Acompanhamento dramaturgico/ensaios/conversas** Patrícia Azevedo da Silva, Gisela Casimiro, Anna Kiffer, Ana Pais **Consultoria científica** Ana Cardoso Oliveira **Plataforma digital, publicação, filmagem de espetáculo** OH!MANA **Direção de produção** Elisabete Fragoso **Comunicação** Cláudia Duarte **Fotografia de cena** Alípio Padilha **Coprodução** Alkantara Festival, São Luiz Teatro Municipal, Teatro Académico de Gil Vicente/Festival END **Apoios às residências** Gaivotas 6, Alkantara, Estúdios EVC, O Espaço do Tempo, Companhia Olga Roriz

**Conversa pós-espetáculo com os artistas**

**Espetáculo bilíngue falado em português e em Língua Gestual Portuguesa**

**Local** auditório TAGV **Duração aprox.** 1h05 **M12**

## **Sentimentos Públicos**

**7 junho**

**Oficina com Ana Pais, Carlos Costa, Inês de Carvalho**

Sentimentos públicos são atmosferas afetivas que moldam a nossa experiência íntima sem que tenhamos consciência do seu impacto sobre nós. São forças invisíveis que condicionam modos de pensar, agir e sentir, na medida em que influenciam os nossos vínculos afetivos com o mundo definindo desejos, escolhas e comportamentos.

Por muitos considerado como uma para-pandemia, o medo foi o sentimento público mais intensificado aquando do choque mundial da pandemia covid19. Não terá sido o único, mas foi o mais marcante: o medo do desconhecido, ou seja, o medo da morte criou uma atmosfera afetiva que dominou mentes e corações. As formas de solidariedade e colaboração que surgiram de modo espontâneo na sociedade civil constituíram uma reação-antídoto, embora circulando mais timidamente no espaço público.

Como se constroem as atmosferas afetivas? De que modo condicionam as nossas mentes e comportamentos? Como mobilizam os nossos corpos? E de que modo podem as artes, em particular as artes performativas que criam mundos sensoriais e afetivos em cena, contribuir para um entendimento claro e uma maior consciência das suas forças invisíveis?

Este ciclo promove o debate sobre os sentimentos públicos dominantes num tempo de cicatrizes pandémicas com uma guerra na Europa em pano de fundo. Tem por objetivo contribuir para uma maior consciência coletiva dos condicionamentos de que somos alvo bem como para o empoderamento ético de cada um, propiciando ambientes mentais e emocionais saudáveis. Para isso, será fundamental imaginar outros mundos de afetos em conjunto com artistas e público.

Ana Pais é investigadora em artes performativas (Centro Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), dramaturgista e curadora. É autora do livro “O Discurso da Cumplicidade. Dramaturgias Contemporâneas” (Colibri 2004) e de “Ritmos Afectivos nas Artes Performativas” (Colibri 2018). Organizou ainda a antologia “Performance na Esfera Pública” (2017, Orfeu Negro) e a sua versão em inglês disponível para download gratuito em [www.performativa.pt](http://www.performativa.pt). Foi crítica de teatro no Público (2003) e no Expresso (2004). Como dramaturgista, colaborou com criadores de teatro e dança em Portugal (João Brites, Tiago Rodrigues, Sara de Castro, Rui Horta e Miguel Pereira) e, como curadora, concebeu, coordenou e produziu vários eventos de curadoria discursiva, dos quais destaca o “Projecto P! Performance na Esfera Pública” (Lisboa, 10-14 Abril 2017) e “Em Fluxo: sentimentos públicos e práticas de reconhecimento” (Lisboa, 3-5 Abril 2019) [www.performativa.pt](http://www.performativa.pt).

**Ciclo** Sentimentos Públicos **Curadoria** Ana Pais **Ciclo integrado** Laboratório LIPA

Teatro

4, 6, 9, 10 junho  
21h00, 22h00, 23h00

**Um Artista da Fome**

**Peça Para Chamada de Voz**

De Visões Úteis a partir de “Ein Hungerkünstler” de Franz Kafka

Direção e dramaturgia Carlos Costa Interpretação e co-criação João Oliveira

Conferência

7 junho  
16h30

**Depois da Fúria – Da Terna Masculinidade e Atmosferas de Incerteza**

Conferência com Martin Welton (Queen Mary University of London)

Literatura

8 junho  
18h30

**Quem tem medo das emoções?**

Apresentação do livro de Ana Pais

Convidado/a João Oliveira (ator do espetáculo telefónico “O Artista da Fome”, Visões Úteis, 2021), João Maria André (Universidade de Coimbra) e Maria José Canelo (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

Oficina

8 e 9 junho  
15h00

**Imaginar Outros Mundos de Afetos**

Oficina com Ana Pais, Carlos Costa, Inês de Carvalho

Apresentação pública

9 junho  
18h00

**Imaginar Outros Mundos de Afetos**

Apresentação pública do resultado da Oficina

